

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A ESCRITA ESPONTÂNEA NA 1ª SÉRIE

LANGUAGE ACQUISITION: A DISCURSIVE LOOK OVER THE SPONTANEOUS WRITING IN THE FIRST GRADE OF PRIMARY SCHOOL

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima¹

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar, com vistas ao postulado dos estudos interacionistas da linguagem e às contribuições da Análise do Discurso francesa, um texto construído por uma criança na fase inicial da aquisição da língua escrita. É um artigo que objetiva, também, fazer uma reflexão sobre as possibilidades de sentido que envolvem o discurso inicial dessa criança e tecer, a partir das condições de produção da escrita na escola, algumas considerações sobre a formação do pensamento e dos valores na produção textual realizada na instituição escolar. Assim, lançamos um olhar sobre a produção textual, enquanto um produto de uma realidade sócio-cultural que envolve seu autor e que, acima de tudo, define e determina os planos da enunciação em que a sua linguagem se realiza.

Palavras-chave: Aquisição. Discurso. Texto

Abstract: This work is based on the postulates of the interactionist studies of language and on the contributions of the French Discourse Analysis. It aims to analyze a text written by a child who is in the first phase of writing acquisition. This paper also intends to think about the possibilities of sense that involve the first discourse of that child and it makes some considerations about the development of values in text production performed at school, taking into account the conditions of writing production at school. So, we take a look at the textual production considering it as a product of the sociocultural reality that involves its author and, above all, as something that defines and determines the plans of enunciation in which the author's language is performed.

Key words: Acquisition. Discourse. Text.

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora de Linguística no Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – UnU Inhumas. E-mail: ffpalima@uol.com.br.

Introdução

Ao considerarmos que a alfabetização implica leitura e escritura, enquanto *momentos discursivos*, e que o processo de aquisição da linguagem também se constrói numa sucessão de *momentos discursivos*, de interlocução e de interação (SMOLKA, 1996, p. 29), buscamos fundamentar o presente estudo na proposta interacionista de Vygotsky (1984), em que a aquisição se dá no curso de interações discursivas significativas entre os homens, como um processo sócio-histórico (BRAGGIO, 1995). Acrescentamos, também, algumas considerações de Braggio (*Ibidem*), que se traduzem em indispensáveis reflexões sobre a construção do sentido na aquisição da língua escrita. Ao enveredarmos pelo processo discursivo do texto, somamos a este postulado um breve olhar da Análise do Discurso francesa derivada dos estudos de Michel Pêcheux (1969). Envoltos a questões relacionadas ao tema da alfabetização, sentimos muitas inquietações que vão desde os aspectos psicossociais que envolvem a criança até as próprias condições de aprendizagem do contexto escolar. Com isso, temos um liame para algumas observações iniciais.

Segundo as leituras realizadas sobre a devida temática e as referências teóricas mencionadas, observamos que não é através de um método que pode ser considerado o processo da aquisição da escrita, mas através de uma ação continuada em que sejam explícitos e possam ser levados em consideração sinais de uma vivência, de uma cultura, de um contexto histórico e sócio-discursivo, em que se permita transmitir toda uma vida. Esta não pode se desvincular de valores ou formações ideológicas, contudo deve mostrar-se e tomar formas na mais pura essência que norteia o pensamento e a expressão da linguagem na criança.

Compreendemos, dessa maneira, que, se tomamos como um veículo para atuarmos no processo da aquisição, primeiramente, a concepção de linguagem, não podemos deixar de refletir sobre a língua e, através dela, lançarmos múltiplos olhares sobre os textos de nossas crianças, diante das inúmeras marcas explicitadas, para as quais somos envolvidos a analisar. Vygotsky (1984) afirma que a criança não apreende a escrita, complexo sistema de signos, através de atividades mecânicas e externas aprendidas apenas na escola. O seu domínio da escrita resulta de um longo processo de desenvolvimento de funções comportamentais complexas, no qual participa e atua e que leva para a sala de aula. Num âmbito maior, torna-se necessário, diante disso, ousadamente, afastarmos a forma, tirá-la como se estivéssemos tirando o velho protótipo de “venda dos olhos” e vermos, com outros olhos, o que há nessas crianças de cidadania, de

conceitos, de valores que se mostram no seu discurso, que não conseguem se esconder na superfície do texto, que as identifica como nossos interlocutores, cheios de informações contextualizadas por tudo que os envolve. São os sentidos que se constroem, pois as crianças adquirem e desenvolvem a língua escrita através da constituição de um sentido para suas ocorrências, sendo a aquisição da forma de construir um sentido uma decorrência da própria construção (BRAGGIO, 1995, p. 128). Nesse caso, só podemos conceber a língua como um meio, e nunca como um fim.

O mapa do pezinho: uma massagem textual e discursiva

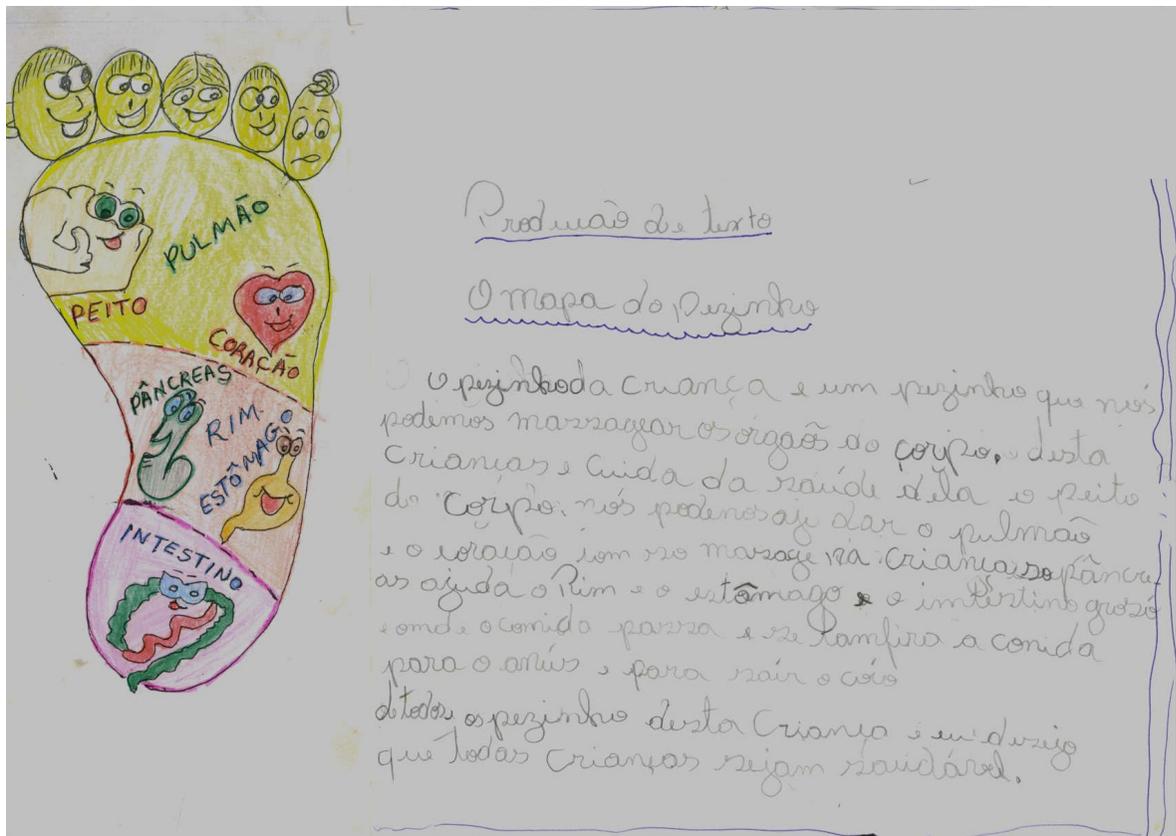
Para uma melhor discussão e aplicação de algumas concepções citadas, observemos o texto de uma criança da 1ª série do ensino fundamental de uma escola pública. A atividade proposta se deu em sala de aula, a professora trabalhou com um texto, diga-se, uma explanação sobre as massagens terapêuticas que são feitas nos pés, tendo um desenho, como modelo para a realização da leitura, da explicação e da atividade prática, em que constava um pé com suas respectivas divisões e os órgãos que eram ativados ao se massagear certos pontos.

Eis o texto da criança:

O Mapa do Pezinho

O pezinho da criança e um pezinho que nos posemos massagear os órgãos do corpo. desta crianças e cuida da saúde dela o peito do corpo, nós podenos ajudar o pulmão e o coração com so masage na criança so pâncreas ajuda o Rim e o estômago e o intestino grosso e omde o comida passa e se tamfira a conida para o anús e para sair o cóco de tosos e os pezinho desta Criança e eu desejo que todas crianças sejam saudável.

Conforme temos abaixo, a atividade propunha também a pintura dos pontos do pé e suas respectivas divisões:



Analisando esse texto, temos uma situação de produção contextualizada, o aluno materializa no seu texto, sequencialmente, o processo da massagem. Observa-se que não se prima pela forma, mas pela espontaneidade da expressão, da seqüência que, por sinal, é lógica. Retomam-se, por exemplo, os órgãos do corpo nas descrições pulmão, pâncreas... Partindo para o ângulo discursivo, nota-se que o texto é uma forma em que a criança organizou suas idéias.

Essa criança, que tem como interlocutora a professora, exerce um papel nesse processo de ensino quando consegue mostrar em seu texto a sua interpretação, a sua relação com um entendimento de mundo, e o seu conhecimento na elaboração do discurso, passando a se mostrar como autora de um pensamento, de uma formação. De acordo com Pêcheux (1969), todo o processo discursivo supõe, da parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor, isto é, sua habilidade de imaginar, de pensar onde seu ouvinte o “enquadra”, e que esta antecipação de “o que o outro vai pensar” do lugar em que ele se representa como tal parece constitutiva de todo discurso.

Para Braggio (1995, p. 126), é porque a criança percebe que a linguagem escrita é portadora de sentido, possuindo várias funções numa sociedade letrada, que ela é capaz de depreender estas funções e de se apropriar de suas formas, estruturas e convenções, e mais do que

isso, de perceber as atitudes que os membros de dada sociedade têm em relação a ela, de como a interpretam. Desse modo, a criança elabora seu discurso no jogo da interação e de suas condições de produção, em que a diversidade inclui o onde produzo, para quem produzo, o que produzo e por que produzo. São as partes que se interpretam e se interpelam, que trocam papéis e repassam esses papéis ao texto. O professor escolhe a tarefa a aplicar, já interpreta essa tarefa com a sua escolha, e a criança, em seu processo de condução e construção de um saber, também passa a interpretar a interpretação.

Afinal, o que pensar sobre a imaginação da criança, em sua atividade de leitura e escritura? Segundo o texto analisado, é interessante atentar para as passagens em que ela optou por escrever *ânus* e *cocô*. Podemos, a partir daí, refletir, também, sobre as representações que suas escolhas discursivas espelham na produção e circulação social dos sentidos. Há de se convir que devemos ultrapassar a materialidade da palavra nesse momento e saltarmos para um campo maior, necessariamente, sem perdermos a perspectiva da superfície do texto, alçarmos vôo para as formações discursivas dessa criança e do seu momento enquanto sujeito do seu discurso. Ela pode se mostrar no processo de interação que toma força quando expressa seus valores, suas considerações sobre si mesma e sobre o mundo que a envolve.

Não há restrições nesse momento discursivo, pois ela constrói e se constrói nesse aqui e agora, logicamente, falando de si para um outro que é o seu complemento. Ela se (re)significa nesse contexto diverso e espaçoso em que valores, concepções de mundo, pensamentos e sentimentos são veiculados.

Algumas considerações finais

Tentamos, com esse estudo, realizar uma breve reflexão sobre a aquisição da língua escrita, tendo como proposta uma análise de texto produzido por uma criança da 1^a série do ensino fundamental. Cabe-nos acrescentar que, quando tratamos de texto, temos que considerar que não se pode tomar como base ou modelo determinadas formas, pois é através de algumas e diferentes escolhas feitas pela criança que ela mostra a sua singularidade.

Nesse aspecto, vemos a forma não com a abstração que por tanto tempo nos provocou a fazer recortes, a abstrair a língua e a jogá-la na “forma de bolo”, que temos como protótipo. Todavia, (re)significamos a forma como um processo de abertura, como um leque de

possibilidades de realização da linguagem e de suas significações. Se considerarmos a singularidade mostrada na forma textual, devemos esquecer, por alguns instantes, de alguns preceitos formais e tratarmos da substância que é veiculada pelo pensamento da criança. O papel da produção de texto é apenas o meio para se materializar o que se elaborou na cabeça da criança. Há de se admitir que não sabemos o que se passa em seu pensamento, podemos até imaginar, pressupor uma produção, uma imagem, mas defini-la como algo pronto e acabado, em que, obedecendo a certos limites, eu posso fechar o meu entendimento, não seria o mais aceitável. Afinal, se existem “desvios” na elaboração do texto pela criança, podemos entrever, com base nesses desvios, a possibilidade de diferentes leituras, buscando-se, com isso, os porquês de uma palavra e não outra se realizar naquele lugar do texto, e não em outro.

As escolhas feitas podem nos levar a ver o que temos materializado pela criança através do texto, pois ele é o meio simbólico que nos permite elaborar imagens, possibilidades e discursividades sobre a subjetividade de seus produtores. Atesta-se, dessa maneira, que é no texto e através do texto que materializamos o nosso pensamento, nossos valores e nos lançamos para uma proposta mais sedutora, que é considerar que a criança tem o objetivo maior de, simplesmente, buscar uma interação entre ela e o seu mundo, entre ela e o(s) seu(s) interlocutor(es).

Referências

BRAGGIO, S. L. B. (org). **Contribuições da lingüística para a alfabetização**. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

PÊCHEUX, M. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Texto recebido em 15/06/09

Aprovado em 01/09/09